

DECISÃO: POEMAS DIALÉTICOS *

Assis Brasil

O livro de Pedro Lyra, *Decisão — Poemas Dialéticos*, levanta algumas questões, não apenas paroquiais, mas abrangentes, em que se envolve, ainda e mais uma vez, o conceito de poesia, e sua finalidade e/ou a sua utilidade no mundo capitalista, cujo sistema econômico submete às suas normas todas as manifestações da vida humana.

Em primeiro lugar, é preciso situar esse livro na contemporaneidade literária brasileira — embora a ousadia de sua concepção, *Decisão* não é um livro solitário em nossa literatura, tampouco uma aberração ou um produto exógeno. Para situá-lo, no entanto, temos que aludir a uma espécie de conflito que existe na poesia brasileira atual.

Temos os remanescentes (ou *reencarnados*) poetas da “tradição modernista” de 1922, que se agrupam a alguma coisa apelidada de “poesia marginal”, ou de “geração do mimeógrafo” ou de “poesia pornô”, todos gatos pardos do mesmo saco e que fazem uma prosa magra, desinteressante, do cotidiano mais imediato. Aqui, um poeta que se assina Chacal, pode ser destacado, não pelo que tem de comum com o grupo, mas por uma postura algo surrealista da linguagem, o que nos levaria a pensar naquela reflexão de Octávio Paz, que disse que um poema hermético proclama a grandeza da poesia e a miséria da história.

E tal reflexão, que destaca o lado “obscuro” da poesia, a sua aura, o seu prestígio emblemático, nos leva a outra linhagem da nossa contemporaneidade literária: a dos imagistas, na tradição universal da *imagem*, fatura milenar da poesia, da fábula, da paródia, da parábola, do mito, do paradoxo, ou seja, a metáfora é própria a uma linguagem que quer falar o incomum, a não-norma, para poder se comunicar com o mistério, com outros níveis da

consciência humana. Este tem sido um aspecto estético permanente da linguagem poética, implícita aqui a identidade da poesia com não-dito, com o interdito, com o intertexto, o irrealizado aos olhos "pagãos" da linguagem lógica e padrastra. Esta poesia é rica em "figuras", em "estados" contemplativos e confessionais, e aqui podemos destacar Walmir Ayala — o mais mítico —, Marly de Oliveira, "órfica" e virgiliana; Foed Castro Chamma — o mais "exorcizador" da realidade; e mais Carlos Nejar, Nauro Machado.

E temos, enfim, a linhagem dos poetas construtivistas, reunindo-se aqui as Vanguardas: Concretismo, Praxismo, Processo, em destaque Augusto e Haroldo de Campos, Wladimir Dias Pino e, a esta altura, os menos ortodoxos Mauro Gama, Armando Freitas Filho, Adailton Medeiros.

Pedro Lyra se aproxima deste grupo ainda atuante, de sua feição mais experimental do que tradicional, embora seus trabalhos estejam mais numa área do que podemos chamar de "artefato literário", do que propriamente na área do "objeto estético". Ambos são formas, criadas pela linguagem, mas o conteúdo do segundo é sua própria forma, "um par de seres", uma forma/contéudo. Esta tem ainda, no dizer de Hjelmslev, um "plano de expressão", ou seja, contém um "estrato de forma", enquanto o "plano do conteúdo" tem um "estrato de substância". E é esta substância, este "material" com que lida a forma, que se comunica mais fácil, mais rápido.

Já podemos falar agora de "poema crítico", cuja matriz estética é, em nosso meio, João Cabral, um construtivista de largo poder criativo. A sua poesia deixou de ser aquela "solicitação ao agradável", ao profundo. Cabral já mudou o conceito de beleza, ou alargou o seu espectro significativo, como já haviam feito os pintores cubistas, quando um crítico ressentido parafraseou Dostoievski, dizendo que "se a beleza não mais existe, tudo é permitido". Mas Cabral salva-se do prosaísmo desinteressante ao adotar a estrofação, algo sintética, algo "visual", da redondilha. Toda a sua obra é uma perseguição da simetria e síntese da quadra, com que "mascara", no bom sentido, a sua poesia com uma dicção de sabor popular, calcada às vezes, é bem verdade, numa ressonância longínqua.

Para ressaltar aquele aspecto do "contéudo", recorramos a uma reflexão estética de Sartre, que o impregna de um sentido social. Ele estava preocupado com uma literatura engajada política-

mente e por isso alargou o sentido semântico de uma palavra: **contexto**. Não exatamente o contexto dos lingüistas ou dos críticos literários. O **contexto** sartreano remete para a literatura uma função social imediatista (os contextos político-ideológicos), a que o homem, em qualquer nível de conhecimento, não pode fugir.

As situações narrativas, então, em face do **contexto**, tinham que explicitar, mostrar claramente o relacionamento do homem com o mundo — o aspecto do prazer estético, da contemplação da obra, é eliminado em proveito da visão social do **contexto**. A literatura torna-se puro instrumento de indagação, puro caminho por onde deve brilhar o discurso doutrinário, em favor de uma ação transformadora do homem.

João Cabral salva-se desta visão **contextual** e doutrinária da poesia porque, ao fazer a sua opção social, questionando a realidade, através de sua "poesia prosaica" ou "narrativa", conserva e mantém a sua postura de questionar também o valor estético da poesia, quer como poesia propriamente, quer como instrumento adequado para veicular o conteúdo social sem se transformar noutra coisa. "Eu vejo o poema como uma obra de arte", disse ele. Então a sua poesia é uma poesia-crítica da forma/contéudo.

Os poemas de Pedro Lyra estão ligados a esta posição de João Cabral, embora eles sejam sem forma, ou melhor, não questionam a forma de poesia ao nível de uma metalinguagem, como Cabral. Seus poemas têm pausas, certo ritmo, e mantêm sempre o sabor de uma dicção prosaica e de uma narrativa linear. O conteúdo é claro, explícito, e foi assim que o poeta quis:

Mas
sabemos que um poema tem que dizer,
E que os poemas que realmente serviram
ao mundo do homem

MODIFICARAM
O MUNDO E O HOMEM.

★

Para nós, A POESIA
NÃO UM BRINQUEDO: É UMA ARMA.

A linhagem ideológica é brechteana, naquele aspecto que seu teatro e seus poemas, de claro sentido didático e dialético, mostram os acontecimentos sociais. A sua intenção não é bem explicar, mas modificar o mundo. Assim, o conteúdo de sua arte surge

para agir, para ter uma função transformadora. Mas Bertolt Brecht dizia que a arte, além de fazer pensar, também divertia.

Pedro Lyra faz uma concessão à metalinguagem quando questiona o verso, cujo "ciclo histórico", para os concretistas, já se encerrara, e fala então em "versifrases":

Para nós, o poeta
(sobretudo aqui-agora) é um homem
armado de sentires e pensares:
— EM VERSIFRASES QUE OS DEFINEM,
DIZ/PARA O FUTURO.

O "versifrase" não é bem o linossigno de Cassiano Ricardo, que tinha intenções "visuais" ao eliminar a tradição da horizontalidade do verso, remetendo-o à linha cruzada e vertical. Ele queria integrar, ao ato de compor a linha (pelo poeta), o ato de compor a linha (pelo linotipista), o que o levava de volta aos concretistas.

Esta disposição visual, "orgânica", do verso, também não está nos planos de Pedro Lyra, tampouco a página em branco exerce função na estrutura do poema, servindo como mero suporte (neutro) para o discurso:

leto
é o que quero dizer:
O BURGUEÊS ESTÁ DESTRUINDO O HUMANO,
E ESTA É A FORMA EM QUE QUERO DIZÊ-LO.

Aqui podemos lembrar Robert Graves com o seu curioso *The White Goddess*, que é uma teoria da natureza da poesia. Ele opõe "poesia do estro", que seria aquele fruto da inspiração, a "poesia analítica". A primeira, ligada aos cultos primitivos da Lua, acabaria, na transposição do mito para o Ocidente, sendo disciplinada pelo culto racional do Sol, representado por Apolo. Num paralelo cultural, seria a rejeição do alfabeto órfico em favor do alfabeto comercial dos fenícios, o nosso conhecido ABC.

A tese ocidentalista, da destruição dos mitos lunares, era que a usurpação, viril, racional, do Sol, tinha na sua própria natureza um argumento irresistível: é mais fácil enxergar sob a luz solar do que sob um luar. A resposta a isso daria, mais tarde, o romancista Colin Wilson, para quem "os modos de pensamento racionais e altamente conscientes são como redes grandes que deixam esca-

par peixes menores". E ainda diria, nessa ordem de valores, o velho Tolstoi, enfatizando a miséria da história: "Se descreves o mundo tal qual é, não haverá em tuas palavras senão muitas mentiras e nenhuma verdade". É que a vida social não exerce domínio absoluto sobre o Homem, substituindo outras formas de ver o mundo da consciência. As manifestações da vida humana não são apenas econômicas.

Na sua *Poética* (em 17 ditos), que é a abertura de *Decisão*, Pedro Lyra diz de sua concepção do "útil" na poesia, que redundaria no "efeito" direto de sua leitura. E como se trata de poemas-críticos, não de poesia-crítica, é a "sociedade burguesa", generalizada, o objeto da crítica. Mas seria interessante considerar que o que existe não é uma "sociedade burguesa", como diz o poeta, mas um "espírito da burguesia", já estudado por muitos sociólogos. Assim, achamos, o "recado" de Pedro Lyra é mais para o "espírito da burguesia", que pode surgir ou estar latente em qualquer classe ou não. O "espírito burgues", este sim, responsável por aquela transformação do "alfabeto órfico" em "alfabeto comercial". E mais: é certo que muitos intelectuais burgueses, como o próprio poeta, não comungam com aquele "espírito", posição esta que já levou muito intelectual a fazer revolução proletária ou a escrever livro de protesto.

A coletânea de poemas de Pedro Lyra, enfim, é um conjunto em aberto, instigante, que suscita muitas perguntas e sustenta muitas respostas, como a que é dada num de seus "poemas dialéticos", onde se define a sua mensagem ideológica:

Mas
senão
versifrases poesia? Um poema
não diz que o burgueês está destruindo o humano
assim, desta maneira. E, se tiver que dizê-lo,
deve escrever: "Os espinhos estão ferindo as flores".

Mas eu quero dizer
é que o burgueês está destruindo o humano,
não que os espinhos estão ferindo as flores.

leto
é o que eu quero dizer:
O BURGUEÊS ESTÁ DESTRUINDO O HUMANO,
E ESTA É A FORMA EM QUE QUERO DIZÊ-LO.

NOTA

LYRA, Pedro. *Decifelo* (poemas dialéticos). Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

Os poemas dialéticos são aqueles em que se estabelece uma relação entre dois elementos opostos, de modo que um deles se transforma no outro, ou vice-versa, criando uma terceira realidade. No caso de Lyra, essa relação ocorre entre o concreto e o abstrato, o físico e o metafísico, o humano e o divino, o conhecido e o desconhecido. O resultado é uma linguagem poética que busca capturar a complexidade da realidade humana e universal através de imagens e símbolos que se relacionam de maneira dialética.

A dialética é um método de pensamento que visa à compreensão da realidade através da análise das contradições e das tensões existentes nela. Segundo Hegel, a dialética é um processo contínuo de desenvolvimento, em que o conteúdo de uma ideia se revela através de sua oposição a si mesma. No caso de Lyra, essa dialética é aplicada à linguagem poética, criando poemas que são ao mesmo tempo concretos e abstratos, físicos e metafísicos. O objetivo é mostrar como a realidade humana é essencialmente dialética, sempre em movimento e em transformação.